



Augusto Ruschi denuncia derrubada de matas na fazenda Klabin

Ruschi perde uma batalha para defender beija-flor

Santa Teresa (ES) — O cientista capixaba Augusto Ruschi perdeu a batalha, que trava desde 1967, pela preservação das matas nativas da fazenda Klabin, no Norte do Espírito Santo, onde ainda estão abrigadas várias espécies de animais em via de extinção, entre as quais três de beija-flores que vão desaparecer da face da Terra com a derrubada.

Ontem, no Museu Mello Leitão, que dirige nesta cidade há 40 anos, Ruschi tomou conhecimento do despacho do Ministro da Agricultura, Amauri Stabile, concedendo autorização especial (o IBDF negou) para que o grupo Monteiro Aranha, que adquiriu a fazenda Klabin, corte 1 mil 500 hectares de uma reserva de floresta de 2 mil 700 hectares.

“Barbaridade”

— Isso é uma barbaridade, um crime. Eu não posso acreditar — lamentou o cientista Augusto Ruschi. — Em dezembro, eu apelei para o Presidente da República e ele mandou o caso para o Ministério do Interior. E agora vem esse Ministro, passando por cima de tudo, e manda derrubar uma floresta onde há três espécies endêmicas de beija-flores que só vivem lá: **Ramphodon Dohrn** (balança-rabocanela), **Phaethornis Margarette** (rabo-branco-da-fazenda-Klabin) e **Threnetes Grzimeki** (balança-rabo-da-garganta-preta).

Principal especialista em beija-flores do mundo, coube a ele revelar grande parte dos hábitos dessa pequena ave. Ruschi, aos 68 anos de idade, 50 dos quais passados dentro da floresta, ameaça morrer de tristeza com a extinção da primeira espécie de beija-flor do planeta. “Quando a gente só quer salvar o mínimo, acontece isso. Eu vivo defendendo a natureza. É para o bem do Brasil. Desde o dia em que escrevi ao Presidente da República, entrei em grande depressão, preocupando os meus amigos. Comecei a entristecer. Se destrói tudo que é da natureza. Grecco (Rainor Grecco), o maior assassino de árvores da América do Sul, já está lá, derrubando tudo

também a de destruição de espécies raras, pois sabem da extinção das três espécies de beija-flores (do Brasil, quem recebeu a medalha foi o Secretário Especial de Meio-ambiente, Paulo Nogueira Neto).

Importância

Freqüentador da floresta Klabin há 47 anos, Ruschi disse que a sua importância está em ser ela um enclave da floresta amazônica na floresta atlântica (que vai do Rio Grande do Sul ao Ceará): “Houve outras iguais por aqui, mas já foram cortadas. Ela tem espécies de árvores e animais que só são encontrados na Amazônia. Foi uma extensão da Amazônia que se plantou no Espírito Santo e no Sul da Bahia, tendo sido, portanto, muito maior. Acabaram com todas, só resta esta da Klabin. O beija-flor **Phaethornis-Margarette** é uma espécie afim do **Phaethornis Superciliar** da Amazônia. O **Threnetes Grzimeki** é uma espécie que substitui a outras de **Threnetes**, que só tem na Amazônia”.

Após esses exemplos, para fixar a importância da mata da fazenda Klabin, o cientista capixaba deu informações a respeito das espécies de beija-flores que serão extintas com o corte de 1 mil 500 hectares de mata. O **Ramphodon Dohrn** ficou restrito à Klabin porque derrubaram todas as demais florestas do Rio Doce. Essa área da fazenda estava prometida à sobrevivência dos animais pela família Klabin, que registrou o território em cartório como reserva.

Sobre as outras duas espécies que também serão extintas, Ruschi informou que foram descobertas por ele na fazenda Klabin entre 1972 e 74. Numa das ocasiões estava presente o presidente da Dupont, que fotografa beija-flores há 30 anos, e sua mulher que, apesar dos 70 anos, acompanha o marido. Pela dedicação dela, que se chama Margarette, essa espécie de beija-flor levou o seu nome.

Itaúnas

África do Sul, já está lá, derrubando tudo com as suas motosserras. Eu me arrepio todo quando pronuncio este nome.

Ruschi ficou conhecido no país pela ameaça de morte que fez ao ex-Governador do Espírito Santo, Elcio Álvares, que quis lhe tomar uma pequena mata em Santa Teresa, onde estão reunidas as maiores coleções de orquídeas e bromélias do universo. Local em que ele realizou mais de 200 trabalhos sobre botânica. De outra feita, impediu, colocando-se à frente de um trator, que fosse cumprida a licença do IBDF para o corte de um exemplar de Jequitibá com 600 anos de idade.

Gaviões

— Professor, como o senhor garante que esses beija-flores vão desaparecer da face da Terra com o corte dos 1 mil 500 hectares de mata da fazenda Klabin? — indagou o repórter.

— Vão desaparecer porque a área fica pequena e os gaviões pegam e comem. E os 1 mil 200 hectares que vão sobrar de mata estão fora do ecossistema em que esses beija-flores vivem. A biocenose (conjunto de plantas e animais) que estão derrubando não é a mesma dos 1 mil 200 hectares.

Em seguida o cientista — com o rosto marcado pela amargura e pela tristeza — começou a falar sobre a necessidade de se criar no Brasil um tribunal para julgar os crimes contra a natureza:

— O sujeito que acaba com três espécies de beija-flores tem que ir para a cadeia. Para mim, assistir impunemente a mais esse crime é duro, porque há 50 anos não faço outra coisa que não seja conviver com os bichos. Por isso, sei da necessidade desse tribunal. Leonardo da Vinci já dizia que chegaria o dia em que matar um animal seria crime, porque matar o homem, biologicamente, não é crime, porque são quatro bilhões e meio de seres. Agora, matar três espécies de beija-flores, que só têm 60 exemplares, é extinguir três espécies da face da Terra. Tem gente no Brasil que recebeu a medalha Getz, de proteção internacional à natureza, que, em seguida, deveria receber

Itaúnas

Ruschi disse também que, se tivessem conservado a Reserva Biológica de Itaúnas, 14 mil hectares de área que ele demarcou em 1954, ao lado da fazenda Klabin, chegando até o mar, esses beija-flores e mais outras espécies de animais hoje em extinção estariam preservadas. Era também a terra das araras vermelhas, das quais, na região, só ficaram os buracos nas barrancas do Rio Itaúnas. “É importante falar disso — advertiu — porque o corte dessa reserva foi responsável pela invasão das areias sobre a segunda cidade do município capixaba de Conceição da Barra, também chamada Itaúnas, da qual hoje só se vê o mastro da igreja por fora das areias.”

No rastro da destruição de Itaúnas, o cientista Augusto Ruschi fez previsões sombrias sobre o futuro da Amazônia. “Eu já disse” — observou — “que, enquanto o IBDF comandar a política de conservação da natureza nesse país, nós estamos de bandeira levantada para destruir tudo. Em que país do mundo se cortaria ao meio um parque como o do Araguaia, na Ilha de Bananal? No Brasil ninguém quer saber da natureza, mas nós vivemos em solos laterizáveis. Mais de 70% deles são laterizados e podem transformar-se em terra de brique ou deserto. No ritmo de desmatamento em que vai, a Amazônia será um deserto. Sem cobertura florestal, vira deserto. Assim já aconteceu com outras florestas pluviais. Na Ásia, na África, estão lá os desertos plantados. Veja o Espírito Santo, todo cheio de marcas e tragédias por falta de cobertura florestal.

E situou-se, em seguida, no Sul do país, onde também foi cortada a floresta atlântica: “No Paraná, derrubaram tudo, Santa Catarina também, Rio Grande do Sul nem se fala. E a natureza responde sempre. Veja as enchentes do Sul, principalmente no Vale do Itajaí. Não existe mais a floresta que servia de esponja. A água cai no solo e vai direto para o leito do rio. Assim vão acabando com o Brasil.”